

ESPACIALIDADES GEOGRÁFICAS: NOVOS HORIZONTES DE ANÁLISE

Geographic Spaciality: new analyse horizons

Silmara Dias Feiber¹

¹Faculdade Assis Gurgacz - FAG
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR
 R. Costa e Silva, 1152 – Alto Alegre – Cascavel/PR – CEP 85.803-500
 silmaradias@fag.edu.br
 sdfeiber@gmail.com

RESUMO

Este estudo visa agregar valor às pesquisas geográficas quando busca aliar os estudos lingüísticos ao conceito de espacialidades geográficas analisadas pelo olhar da estética. No âmbito da geografia humanística cultural a questão que envolve os questionamentos em relação ao campo das relações sociais, que se integram e participam da construção social do indivíduo, é tido atualmente como um novo desafio aos pesquisadores que buscam novos horizontes de análise. Quando se tenta aliar os estudos da cultura, entendendo esta como um conjunto sócio-espacial, às contribuições dos conceitos analíticos da lingüística estrutural e da filosofia da arte surge uma nova metodologia de se entender as espacialidades culturais que retratam uma multiplicidade de espaços que acabam por interagir entre si. Porém, o caráter ainda inédito desta abordagem busca cumprir seu papel dentro da evolução dos conceitos e abordagens que se mostram ricos em suas manifestações e que, por hora, ocorrem de maneira renovadora no campo da geografia. Neste contexto, visa interpretar o enunciado da linguagem arquitetônica das reduções jesuítas desenvolvidas pelos jesuítas espanhóis na Região do Prata resgatando o pensamento sobre as questões das formas simbólicas presentes no espaço cotidiano e sua relação com os grupos sociais que atuam neste espaço.

Palavras-chave: Estética. Espacialidades. Geografia Cultural. Reduções Jesuítas.

ABSTRACT

This study aims to add value to the geographic research when it seeks to combine the linguistic studies to the geographic spatiality concept analyzed by the aesthetic look. In cultural humanistic geography the issue which involves the questionings related to the social relations Field, that integrate and participate of the individual social construction, is currently taken as a new researchers challenge for those who search new analysis horizons. When is tried to ally the cultural studies, perceiving it as a socio-spatial group, from the structural linguistic analytical concepts contributions and art philosophy arises a new cultural spatiality understanding methodology that portray an space multiplicity which interact among themselves. However, the still unpublished character of this approach seeks to fulfill its role in the approaches and concepts evolutions that is shown as riches in its manifestations and which, at this moment, is happening in a new way in the geography field. In this context, aims to interpret the enunciated of architectural Jesuit reductions language developed by Spanish Jesuits of the Prata Region rescuing the thought about the symbolic shapes questions existing in daily space and its relation with the social groups actives in this space.

Key-words: Aesthetic. Spatiality. Cultural Geography. Jesuit reductions.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa agregar valor às pesquisas geográficas quando busca aliar os estudos lingüísticos ao conceito de espacialidades geográficas analisadas pelo

olhar da teoria da estética. No âmbito da geografia humanística cultural a temática que envolve os questionamentos em relação ao campo das relações sociais, que se integram e participam na construção social do indivíduo, é tido atualmente como um desafio aos

pesquisadores que buscam novos horizontes de análise. Quando se tenta aliar os estudos da cultura, entendendo esta como um conjunto sócio-espacial, às contribuições dos conceitos analíticos da lingüística estrutural e da filosofia da arte surge uma nova metodologia de se entender as espacialidades culturais que retratam uma multiplicidade de espaços que acabam por interagir aglutinados pela estética. Esta estética visa não somente o foco das manifestações artísticas, mas, como traz Mafessoli (2005, p.11) “um modo de conhecimento que saiba integrar parâmetros que são considerados habitualmente como secundários: o frívolo, a emoção, a aparência... tudo que se pode resumir pela palavra estética.” Usando a expressão alemã “Gefühlkultur” tende-se a levar o foco da discussão para a “cultura dos sentimentos” e nesta visão de caráter ainda inédito de abordagem busca cumprir seu papel dentro da evolução dos conceitos e abordagens que se mostram ricos em suas manifestações e que, por hora, ocorrem de maneira renovadora no campo da geografia.

Para realizar este estudo dentro desta nova abordagem inserem-se os autores Mikhail Bakhtin e Ernst Cassirer que a partir dos estudos da lingüística e filosofia trazem a questão do signo como uma construção social. Toma-se, a partir de então, as Reduções Jesuíticas da Região do Prata como estudo de caso. Estas são reflexos de uma forma de pensar e agir que, no conceito de Bakhtin denomina-se de enunciado, de uma vida moral, de uma estética particular que, por meio da arte, materializam seu discurso. As formas simbólicas presentes nas reduções conforme Cassirer (2001) apóiam-se no “agir” dos indivíduos diante do espaço o qual, por sua vez, se torna o mediador das relações humanas. Dentro desta visão é que se percebe a amplitude gerada na construção espacial por parte dos espaços vividos, porém no campo das artes (definida aqui pela arquitetura das reduções) os espaços são definidos e limitados e mantém intrínsecos os ideais de que são frutos. No pensamento de Bakhtin (1997, p.205) a obra de arte não deve e não pode ser entendida independentemente de seu conteúdo

ela é a responsável por estruturar o mundo concreto: “no espaço, cujo centro de valores é o corpo; no tempo, cujo centro de valores é a alma; e, finalmente, no sentido, no qual se insere a unidade concreta da interpenetração do corpo e da alma”. Em comum a este pensamento se encontra Cassirer (2001, p. 22) que percebe o conteúdo conceitual de cultura como indissociável das formas e desígnios fundamentais da atividade espiritual, segundo ele “... na medida em que existe uma orientação específica da fantasia e intuição estéticas, passa a existir também uma esfera de objetos estéticos”.

A abordagem referenciada por estes dois autores acima e utilizada nesta pesquisa visa enfocar o poder que as formas simbólicas provenientes da arquitetura – entendida como obra de arte – possuem, ainda no âmbito de hipóteses, em sua materialidade. Pois segundo Moscovici (2003, p.42) as principais formas do ambiente físico e social se fixam por meio das representações. Estas possibilitaram ou colaboraram, em tese, para que o poder de persuasão e de convencimento dos jesuítas se propagasse no processo de aculturação. As contribuições da lingüística e da estética (filosofia da arte) vêm a enriquecer o entendimento sobre os processos desenvolvidos num espaço específico por incorporar as experiências vividas em suas análises, formam assim a base onde se busca compreender, por meio do estudo do espaço e suas relações sociais, a problemática sugerida por esta pesquisa.

2 A GEOGRAFIA E AS FORMAS SIMBÓLICAS: UM RESGATE TEMPORAL

No âmbito da geografia a partir da década de 1960, o foco de análise do pensamento geográfico voltou-se para a compreensão dos sentimentos de vínculo e identidade dos indivíduos e pequenos grupos sociais para com o seu espaço. Segundo Leite (1998, p. 09), este novo pensamento dentro da Geografia busca uma fundamentação nas filosofias do significado e da vivência, principalmente na fenomenologia, no

existencialismo, no idealismo e na hermenêutica, e os seus autores focalizam a subjetividade humana como base de suas reflexões. Interpretam o espaço como um espaço de pensar e agir formado por ações humanas em relação ao mundo. Nesta tendência da Geografia, o espaço é considerado apenas abstrato e geral, porém as reduções, foco deste estudo, são vistas como objetos concretos marcados por visões subjetivas, tanto dos jesuítas como dos indígenas, nas quais se agregam ao meio físico os mais diversos significados.

A experiência individual afasta-se do mundo objetivo através da formação de lugares no espaço abstrato e, assim, esta abordagem volta o seu olhar para a compreensão de como o ser humano constrói o seu espaço por meio de ações subjetivas (BUTTIMER, 1985). Assim se inserem as idéias da Geografia Humanista que teve como precursora a obra de Eric Dardel (HOLZER, 1992; CLAVAL, 2001). Este autor francês propõe nas suas reflexões uma associação entre a filosofia existencialista, principalmente da corrente de Heidegger, e a geografia decifrando na Terra signos ocultos da linguagem existencial que enriquecem os estudos geográficos no sentido de que coloca o homem em uma ligação cultural através de vínculos de significado para com a Terra. Trata-se de uma ambientação do indivíduo com o seu destino, num espaço de relações e de trocas sociais (não apenas econômicas), onde se vive de experiências interiorizadas. Segundo Holzer (1992, p. 95), aproxima, assim, a geografia com o “além da ciência” e consegue reavaliar e limitar a “objetividade” da geografia científica.

Assim, o espaço físico não fica restrito meramente ao visível e calculável, ao concreto de suas obras, mas é moldado através de experiências cotidianas que se expressam na linguagem e o torna um ponto de referência medido por significados onde a identidade do indivíduo é reforçada e igualmente transformada. Neste contexto a Geografia se aproxima às reflexões de outras ciências sociais, principalmente da sociologia, filosofia e psicologia social. Acrescenta ainda o

ambiente natural na formação da sociedade se preocupando com o indivíduo como ser social e, em consequência vê que o homem não vive simplesmente em comunidade, mas cria também instituições sociais que regulamentam a sua existência. É a cultura que mantém essas instituições vivas através da criação e manutenção de bens sociais que oferecem significados simbólicos.

A renovação da geografia cultural que se inicia a partir do final dos anos 1970 com algumas reflexões de Dennis Cosgrove na Inglaterra questiona a nitidez da abordagem humanista em termos semióticos. Para tanto a Nova Geografia Cultural, do início dos anos 1980, inclui essencialmente os processos de significação, tratando dos espaços como palcos simbólicos e pesquisando a mudança destes processos através do tempo e das culturas. Claval (2001, p.56) destaca que a preocupação de Cosgrove em buscar compreender a maneira como grupos e classes sociais interpretam simbolicamente o ambiente em que vivem, resulta na adoção de estéticas e ideologias diferenciadas na modelagem da paisagem. Esta é a visão do ambiente Barroco característico da organização espacial das reduções jesuíticas onde a formação de um cenário promove que o indivíduo participe ativamente da composição do espaço. Este viés nos Estados Unidos é estudado por James Duncan (apud CORREA, 2001, p.50) que desenvolve seus estudos e vê na paisagem a função de mensageira de cargas simbólicas onde se imprimem ideologias por meio de obras monumentais. Para ele, o estudo das paisagens só é possível se as lógicas que estruturam o espaço humanizado não acabem sendo eliminadas por métodos científicos rígidos, mas respeitem a paisagem como um palimpsesto, um todo integrado.

A compreensão deste “todo” requer uma maior reflexão sobre o espaço imagético existente nas formas simbólicas. E, pela sugestão do tema aqui apresentado, acredita-se que um aprofundamento das teorias estéticas possam trazer uma contribuição positiva posto que estas privilegiam, segundo Sahr (2007) o campo das superfícies, do significante. Segundo o autor a fonte para a verificação

destes fenômenos é encontrada em épocas onde a comunicação imagética possuía um caráter intencional a exemplo a Idade Média com a construção das catedrais góticas. Nestas obras o espaço não é visto, conforme Zevi (2002, p.217), apenas como “cavidade vazia” ou “negação de solidez” ele possui a característica de elemento vivo onde se une vida e cultura. Portanto, esta pesquisa parte do princípio de que os indivíduos se relacionam com o meio através de diferentes contextos sógnicos e simbólicos, assim reorganizam suas relações culturais e reforçam suas identidades dentro do que se pode denominar de “trama da vida”. Nesta visão poderá ser aprofundada a hipótese de que as relações do indivíduo, num contexto espacial modificado por meio de processos de significação, insere ou altera as formas de comportamento do que Mafessoli (2005, p.34) denomina de “corpo social”. Este conjunto da vida social dentro do espaço cotidiano que o autor considera uma “obra de arte” e que constitui a base sobre a qual se firma a cultura e a própria civilização faz parte da forma de pensar barroca a qual iremos nos aprofundar mais adiante. Ao entrar-se em discussão a questão ideológica analisa-se a contribuição de Bakhtin (1997, p. 325) que sem seus estudos diferencia vários campos da vida cultural e social e assume a inter-relação entre eles. Para o autor em cada período, cada movimento dentro da evolução humana faz com que o enunciado (a ideologia) seja transmitido de maneira diferenciada de acordo com o destinatário a que se quer atingir.

O autor diferencia vários campos das relações sociais e ressalta a interrelação entre eles. Porém, em nossa pesquisa priorizaremos o Campo da Ética como baseado no agir e nas regras de relações sociais e o Campo das Artes como um conjunto que formaliza, organiza, discute e questiona autonomamente a relação entre os conhecimentos e as relações sociais. Neste contexto o estudo da conversão dos índios guarani a uma ideologia católica, podendo aqui inserir o termo estética dos jesuítas, torna o estudo das Reduções Jesuíticas que são a materialização física do ideal maior das Missões um tema estimulante, pois demonstra o embate de duas civilizações

e duas culturas que se fundam. A grandiosidade das reduções, tanto em termos de área territorial como na população que integrava sua sociedade, e o número reduzido de sacerdotes envolvidos nesta causa missionária nos levam a questionar sobre as formas utilizadas pela Companhia de Jesus neste processo de aculturação. A definição de territórios por meio de estratégias de convencimento e formas de organização espacial, bem como a presença das obras arquitetônicas, fez parte da construção social e do imaginário da sociedade guarani. Assim segue-se um apanhado histórico sobre a Companhia de Jesus que visa a melhor compreensão dos ideais e das formas com que estes foram materializados em nosso território no período conflituoso dentro da religião católica e da definição de território nas Américas.

3 AS FORMAS SIMBÓLICAS NA EXPRESSÃO ESTÉTICA JESUÍTICA

A organização geográfica e espacial fundamentada pelo pensamento jesuíta vem a contribuir por intermédio das formas simbólicas à inserção cultural (ou mescla cultural) do indígena numa visão européia do cristianismo. Como nos traz Neves (1986, p.19) uma visão filosófica da cultura só se legitima quando considera o processo dinâmico que é a transmissão cultural. Na visão do autor esta dinâmica configura-se em um jogo onde se define o processo perante o flamar do desejo, das especificidades necessárias a uma época, das forças que regem a individualidade que acabam por direcionar a cultura dentro das tensões e relações coletivas. Neste sentido a realidade antropológica, que é anterior ao cultural, é permeada por uma realidade primária que revela a ligação do homem-mundo a qual precede o real ou o irreal. Ainda no pensamento do autor esta instância anterior à cultura trata-se da primeira mobilidade econômica humana definida como economia das “trocas simbólicas”. Baseada nas representações estas trocas caracterizam uma nova relação do ser com o mundo. Portanto, as formas simbólicas provenientes da

arquitetura e do espaço das Reduções Jesuíticas possuem, ainda no âmbito de hipóteses, em sua materialidade um poder de persuasão e de convencimento que possibilitou aos jesuítas realizar este processo de transmissão cultural que se pretende aprofundar. Percebe-se aqui a estreita relação com a lingüística, pois a existência desta linguagem não-verbal é que proporciona, por meio das relações e trocas simbólicas, a construção do mundo das representações o qual irá desenhar o real no interior dos indivíduos.

Em 1545 a Igreja Católica consciente da perda de sua supremacia instaura o Concílio de Trento, responsável por reorganizar a Igreja de acordo com os dogmas que foram questionados pelos opositores. Neste período de questionamentos e reavaliação das ações da Igreja, nascem instituições, ou correntes de renovação, dentro da própria Igreja Católica. Dentre estas instituições que acreditavam que somente por meio da fórmula – trabalho, ação concreta e meditação – poderiam inserir seus ideais moralistas nasce, comandada por Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus. Durante sua formação Loyola fez parte corte espanhola e foi formado, conforme Quevedo (2000, p. 23) sob “grande fidelidade ao código da Cavalaria medieval”, portanto possuía os valores do homem medieval onde o sagrado era tido como referencial, e, embora os espanhóis neste período já tivessem chegado às Índias Ocidentais, esta estrutura de pensamento medieval ainda fazia parte do pensamento de muitos espanhóis. Num período de convalescença realiza sua obra “Exercícios Espirituais” onde insere sua concepção de mundo centrada na tese de “vencer a si mesmo” que para ele significava vencer o individualismo, pois o ser cristão é coletivo e universal, que visava a defesa do catolicismo, a lealdade, sentimento de honra, cortesia e proteção aos fracos, assimilados diante da postura e ideal de cavaleiro, combinaram-se e acentuaram-lhe as ambições pelo fato heróico e ação transformadora dos indivíduos. Assim na interpretação de Mafessoli (2005) materializa-se a Ética da Estética jesuítica.

Segundo o autor trata-se do anseio por uma vida moral que se traduz pelo:

“...o que é que fundamenta ou permite o estar-junto...às vezes assume a forma de uma categoria dominante, universal, rígida....Às vezes, vai valorizar o sensível, a comunicação, a emoção coletiva... completamente dependente dos grupos que estrutura enquanto tais, será então uma ethica, ethois que vem de baixo. Moral versus Ética” (MAFESSOLI, 2005, p.25)

Este quadro remonta um período vivido pela história européia onde a cisão entre católicos e protestantes, instigada pelos questionamentos de Lutero, fomentaram uma política de reorganização da Igreja Católica. Neste período materializa-se na América a organização espacial e as formas arquitetônicas concebidas pelos jesuítas. Estes espaços denominados de Reduções possuem segundo Oliveira (1988, p.04) um programa construtivo que se reporta a uma visão de mundo, este possui por princípio a “unidade na diversidade”. A autora explica que esta organização espacial resulta de um aglomerado de funções onde a adequação e complementação destas visa à harmonia e a perfeição de um corpo “uno”. As Reduções formam assim um complexo sistema estruturado onde as partes se fortalecem e dão unidade material à visão de mundo jesuítico, a base de sua estética.

Como dito anteriormente, o período onde se instala a Reforma Católica acontece diante do processo de fortalecimento do Estado. A intenção deste em se tornar uma nação soberana fomenta também o fortalecimento da doutrina protestante que, como nos traz Oliveira (1988, p.99), vem a contribuir quando oferece ao cidadão (como ser individual) o aporte espiritual necessário num tempo onde a acumulação de capital e produtividade econômica marca as relações sociais. Estes acontecimentos definem e reforçam a necessidade de se criar novas estratégias dentro da Igreja Católica. Neste contexto nasce uma nova linguagem dentro da arquitetura que, nas palavras de Giedion (2004, p.134), trata do “traço distintivo da

época barroca (que) está na sua maneira de pensar e sentir...”. O Barroco nasce, portanto na Europa com o propósito de restabelecer o significado das obras de arquitetura no âmbito das ideologias e concepções que as fazem existir e, conforme Brandão (2006) sua intenção é de converter o foco do espaço urbano para as Basílicas de onde irradia o valor ideológico que acaba por santificar toda a cidade. Nos estudos lingüísticos de Bakhtin (1997) este valor ideológico está intimamente ligado aos valores sociais de representação de uma cultura. Estes se compõem de elos vivos no processo de comunicação e que, por sua vez, ligam-se a outros enunciados. Estabelece-se, assim um processo contínuo e dialógico de comunicação que para ser efetivado cria seus próprios signos que passam a ser absorvidos, vivenciados e utilizados pelo corpo social desencadeando sensações e refletindo uma nova realidade. O enunciado para o autor se produz sempre num contexto social e caracteriza-se por seu conteúdo e sentido, a exemplo dos rituais católicos “o pão e o vinho”.

Com estes discursos apregoava-se a vitória da fé católica, coletiva e social, diante dos preceitos protestantes de individualismo. A arquitetura Barroca tem por meta explorar a subjetividade, faz com que o indivíduo participe de sua presença, esta obra artística confere ao espaço um significado existencial, os edifícios são trazidos para a escala humana e são responsáveis por estruturar o ambiente que o cerca. Tem embutido em sua expressão o anseio de propagandear, de causar alarde e denunciar o valor ideológico dominante dentro da sociedade. Nas palavras de Wölfflin (2000, p.308) a “alma desta arte (barroca) revela-se tão somente àquele que é capaz de abandonar-se ao encanto de uma cintilação geral”. Esta passa a ser, portanto a fonte que assegura a reconquista da segurança perdida pelos fiéis, o poder de persuasão conferido às obras barrocas é como o centro representativo deste sistema. Através da persuasão a arquitetura passa a ser um agente instigante que faz com que o cidadão adote segundo Brandão (2006, p.138), um modo de vida – uma ética – direcionado pelo sistema que o integra e faz com que ele

participe ativamente deste processo. Pode-se aqui evidenciar o pensamento de Mafessoli (2005, p. 34) onde a atração e a corporeidade são fenômenos paralelos e nos tempos atuais esta relação passa ser um dos focos de investigação teórica. É a ênfase na aparência, nas superfícies, nos elementos sensuais, situações que só encontram compreensão na presença do outro. Segundo o autor esta temática da atração considera a idéia de corpo social que faz de cada ser um elemento dentro de um conjunto global.

Envolto a essas intenções do sistema barroco é que a Companhia de Jesus parte em busca de novos féis para a Igreja Católica e dá início a uma experiência única de conversão e criação de espaços planejados – reduções – para que a expansão do catolicismo tome corpo no novo continente. A estrutura física básica adotada pelas reduções parte de um plano configurado onde os espaços possuíam, conforme Gutiérrez (1987, p.24), uma característica vital de inserir as formas ideológicas barrocas. Assim a estrutura principal é baseada no uso de uma Praça central a qual se tem acesso por uma avenida que percorre as edificações com a finalidade de residências e finaliza em frente à Igreja. Esta descrição reafirma o pressuposto de se ressaltar a fé católica no espaço urbano. O núcleo central é formado pelo Colégio e residência dos jesuítas, o Templo e o Cemitério. Esta configuração fornece um limite visual que define a forma do povoado, que de acordo com a configuração só pode se ampliar nas outras três direções. Esta conformação define então o que se chama de “teatro da vida”, é ao redor da grande praça que as ações cotidianas se desenvolvem e, conforme o autor o núcleo central se ergue formando uma cenografia onde deixa explícitas as etapas da vida sacra e da humana até a ausência da vida. Neste palco da vida cotidiana é que os preceitos religiosos eram transmitidos, os rituais litúrgicos eram mesclados com as formas de expressão do indígena que eram afeitos à música e à dança. Nesta mescla cultural eram impressos os ideais do catolicismo – o enunciado de Bakhtin – numa didática de persuasão onde se revestia o

ambiente de uma cosmovisão totalizadora integrando as atividades de produção e as relações social e cultural.

Portanto, além das estratégias de implantação das reduções, que não distavam mais que dois dias de viagem entre elas, e sua organização espacial interna fomenta este tipo de indagação sobre a possível influência das formas físicas e simbólicas como agentes de inserção ideológica. Pois, como Sá (2005, p.59) esclarece a incorporação do movimento nas composições arquitetônicas e o ideal de integração das artes (escultura, pintura, arquitetura e música) acarretam num aspecto cenográfico de suas obras, isto associado ao período da Contra-Reforma assume o papel de arte religiosa com o uso de ornamentos que traz para a arquitetura uma característica monumental. Esta integração das artes acontece também no dia-a-dia das reduções. Os guarani por possuírem grande habilidade manual são inseridos nos ofícios de artesanato e carpintaria. Estas habilidades artísticas estiveram estampadas nos ornamentos das Igrejas realizadas em pedra, a arte da cantaria pode ainda ser observada nos frontões das Igrejas e detalhes construtivos dos demais espaços das obras arquitetônicas das reduções ainda existentes. Os Templos funcionavam assim como obras didáticas, estampando cenas e imagens que eram utilizadas pelos jesuítas como forma de ensinamento e persuasão.

A Arquitetura assume seu papel de objeto simbólico, por meio de sua semiótica os jesuítas visam alcançar o que Cassirer (2001, p. 62) conceitua como “formas simbólicas” que possuem um conteúdo que ao longo do seu processo de apreensão acabam por impregnar a consciência. Assim ocorreu este processo de transmissão e mescla cultural onde ao longo de aproximadamente dois séculos os jesuítas buscaram impregnar sua forma de pensar e seus valores numa nova proposta organizacional a uma sociedade que possuía uma visão de mundo muito diversa dos fundamentos cristãos.

4 A ANÁLISE LINGÜÍSTICA E A ÉTICA DA ESTÉTICA

Ao se investigar a questão simbólica percebe-se a estreita relação e integração de conceitos e idéias, no que se refere à construção social do espaço, em abordagens que a um primeiro olhar nos parece caminhar em paralelo em seu corpo teórico, sem possibilidade de se fundirem. Porém, a análise lingüística se trazida à compreensão da linguagem não-verbal nos oferta ricas interpretações relacionando os processos de comunicação ao diálogo constante entre seus locutores e destinatários. Trata-se de processos de significação que nas diversas ciências adotam terminologias e linguagens diferentes na interpretação do fato da comunicação. Na semiótica, o termo “signo” é tido como sinônimo de “representação”. Este termo permite, em nosso caso, reviver semanticamente o passado, como expressa claramente a primeira sílaba “re” e evoca a presença deste “presente passado” ainda se referindo à “ação” como processo que forma o signo através da atividade comunicativa e social. Neste caso, inclui-se a abordagem da psicologia social, onde é vinculada a um fator social representando:

um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003, p.21).

Portanto, as representações sociais no sentido da teoria de Moscovici são entidades que permeiam o universo social e se cristalizam em idéias, ações, gestos, palavras e objetos com sentido dado pelos indivíduos pertencentes a uma comunidade. Esta integração do corpo social e sua relação com o ambiente é o que serve de pano de fundo à

estética. Conforme Mafessoli (2005, p.28) esta experimentação coletiva, a troca de informações que se materializam na ética grupal são vetores de criação. É a capacidade de sentir em comum que, segundo o autor, coloca a ênfase no processo de comunicação e não mais no objeto. E o ator responsável por este processo é o próprio “ser” que ao longo da evolução do conhecimento passa a ser visto como o “problema” e seu pensamento, sua consciência, sua vida espiritual, como o “princípio” das investigações teóricas.

Inserese aqui o pensamento de Cassirer (2001, p.19) no sentido de perceber que toda função do espírito autêntica divide com o conhecimento a fundamental propriedade de abrigar uma força criadora e não apenas reprodutora. O espírito, a essência do ser, na presença de um fenômeno agrega à ele significados específicos. Para o autor a reprodução de um conteúdo, da essência do objeto, em si sempre é vinculada à consciência. Por meio de um processo de conscientização, a memória ganha o seu sentido. Para que se possa recordar um conteúdo, é necessário que a memória não seja simplesmente compreendida como uma ação repetitiva, mas como uma interiorização dos fatos históricos pela consciência formando uma união entre a face material (exterior) e as idéias e emoções (interior). O autor possui o pensamento de que as formas simbólicas são as formas da vida – a estética – e que os indivíduos possuem uma força interior que os torna capazes de não apenas “reproduzir” dados empíricos e sim criar a partir de princípios autônomos. E, a criação dos signos perpassa não apenas a ciência, mas também a linguagem, a arte e a religião, são estes fatores os responsáveis por fornecerem os materiais necessários para se construir o “mundo real” e o “espiritual” e por consequência o “mundo do eu”. São estes elementos que configuram os espaços e fornecem a base de uma cultura. Para Cassirer (2001, p. 22) o conceito de cultura “é inseparável das formas e orientações fundamentais da atividade espiritual: aqui o “ser” somente pode ser apreendido no “fazer”, ou seja, na “ação”⁴. A partir deste pensamento pode-se dizer que a criação artística, aqui

analisada pela analogia da linguagem escrita, é parte das criações humanas responsáveis por materializar o “real”, porém, este se constitui como único e plural múltiplo em suas configurações que acabam por ser unificadas por meio de processos de significação.

É o surgimento do que Bakhtin (1997, p. 202) define como ética, a realidade do ato, o real da existência que é um acontecimento singular e único. A partir desta visão Bakhtin vincula a linguagem à uma ideologia e esta passa a ser formada por signos que possuem valores aparentemente ambíguos e contraditórios. E esta aparente contradição é a responsável pelo processo de comunicação, pois segundo o autor o sujeito é um fator de interação e a linguagem passa a ser uma atividade social. O signo é, portanto mutante e, segundo Dias (2006) o sujeito é responsável pela ação de uso da linguagem onde divulga discursos anteriores e se mantém atuante na reprodução, aprimoramento e modificação do discurso social. Assim em meio a uma ideologia a linguagem inventa seus signos que passam a ser absorvidos, utilizados e vivenciados num meio social sendo responsáveis por desencadear reações. Ainda na visão da autora nos atuais contextos existentes os sujeitos são responsáveis por gerar conhecimentos e obras (inclui-se aqui a analogia das obras arquitetônicas) estando sempre associados ao outro. Esta ligação entre o “eu” e o “outro” faz com que todo signo seja dialógico. A significação perpassa a construção social por meio do enunciado concreto, este é o “eco” das relações sociais e é voltado para o discurso do outro o que acarreta a situação dialógica entre o autor e seu destinatário. Conforme Bakhtin (1997, p. 204) é nas formas estéticas que se encontra a força que organiza e cria valores à partir de uma relação com “o outro”.

O método bakhtiniano tem como alicerce as relações com os outros. O signo e a enunciação são de natureza social. O autor valoriza a fala, a enunciação e afirma sua natureza social e não individual. Define a cultura como um conjunto sócio-espacial e, dentro desta espacialidade que é foco da geografia, identifica como visto anteriormente:

o campo da ética como baseado no agir e nas regras de relações sociais; o campo do conhecimento como sistemas simbólicos dentre eles a língua, religião, etc. e o campo das artes como um conjunto que formaliza, organiza, discute e questiona autonomamente a relação entre os conhecimentos e as relações sociais. No pensamento do autor o desígnio artístico, ou obra de arte, é que:

estrutura o mundo concreto: no espaço, cujo centro de valores é o corpo; no tempo, cujo valores é a alma; e, finalmente, no sentido, no qual se insere a unidade concreta da interpenetração do corpo e da alma. (BAKHTIN, 1997, p. 205)

Nesta visão a arquitetura como obra de arte no espaço é um universo simbólico que projeta significados e é construída a partir de um enunciado que se apresenta repleto da palavra do “outro” que passa a ser assimilada, reestruturada e alterada. Os processos de significação não correspondem às palavras ou ao desejo do autor e sim à interação entre o autor e seu intérprete. Nas pesquisas de De Botton (2007, p.32) a essência da arquitetura (vista aqui como um produto social e cultural) demonstra, por meio de sua materialidade, certos estados de espírito que desejam “incentivar e sustentar”. Segundo o autor enquanto a presença das obras e espaços arquitetônicos nos envolve fisicamente “nos convidam a sermos tipos específicos de pessoas”. Neste contexto é que enxergamos a proximidade destes conceitos e idéias ao caso das reduções jesuíticas. A materialidade das obras arquitetônicas repletas de conteúdo simbólico, com alto valor ideológico, envoltas em relações sociais cotidianas permite que ao longo do tempo possam transmitir esta carga simbólica e alterar de maneira significativa a cultura indígena local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, que é apenas um fragmento da tese que está sendo desenvolvida, tem por objetivo maior levantar a possibilidade de novas abordagens a respeito das questões simbólicas que conformam o espaço real e

imaginário. Buscou para tanto relacionar as teorias estéticas com a análise lingüística das espacialidades geográficas. Dentro da visão neo-kantiana percebe-se que os diversos universos simbólicos são como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo material. Este universo sintetizado pelas formas simbólicas é, segundo Bourdieu (2007), a raiz do poder simbólico. Pode-se verificar no estudo de caso das Reduções Jesuíticas que a existência deste poder possui um papel relevante na transmissão cultural desejada pelos jesuítas levando os ideais católicos a novos horizontes que não os europeus. Por isso a linguagem não-verbal como é o caso da estética ou da religião – ambos relevantes no nosso caso empírico – ultrapassa a realidade limitada da esfera política e torna-se veículo de travessia para além do ambiente convencional.

Este universo simbólico se constitui de acontecimentos que permeiam uma coletividade e que é capaz de re-organizar a história através da junção de elementos criativos que são interpretados pelo corpo social gerando manifestações físicas e psicológicas. É o diálogo entre interlocutores que gera o movimento necessário para que a cultura evolua dentro dos anseios coletivos numa ação plena de comunicação. No pensamento de Cassirer o conhecimento de maneira geral busca como essência inserir o particular numa estrutura universal, porém como se pôde observar ao longo da pesquisa existem outras estruturas que não obedecem a uma normatização, elas vêm do espírito, do ser como indivíduo criativo e que elevam o individual ao nível do universalmente válido. Esta é a contribuição desta pesquisa dentro da construção do conhecimento geográfico fundamentada em novas abordagens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2ª Ed. São Paulo: Ed.Martins Fontes,1997.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix ,2006.

- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A Formação do Homem Moderno vista através da Arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BUTTIMER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Antônio Carlos Christofolletti (org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1985.
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas: I - A Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2ª.ed., Florianópolis: UFSC, 2001.
- CORREA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- DE BOTTON, Alain. **A Arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- DIAS, Solange I. Smolarek. **Arquitetura do Desejo: o discurso da nova identidade urbana de Curitiba**. Cascavel: Assoeste, 2006.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o Idealismo Crítico**. Artigo disponível em: http://www.geog.ufpr.br/neer/anais_1_coloquio/mesas/sylvio-gil.pdf
- GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição**. São Paulo: Martins fontes, 2004.
- GUTIERREZ, Ramón. **The Jesuit Guarani Missions Las Misiones**. UNESCO, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- LACOSTE, Jean. **A Filosofia da Arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências, UFRJ, Vol. 21, 1998.
- MAFESSOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NEVES, Joel. **Idéias Filosóficas no Barroco Mineiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- OLIVEIRA, Beatriz Santos de. **Espaço e Estratégia: considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1988.
- QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata**. Bauru: EDUSC, 2000.
- SÁ, Marcos Moraes de. **Ornamento e Modernismo: a construção de imagens na arquitetura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- SAHR, Wolf-Dietrich. **Linguagem, imagem e o performativo: Um tour d'horizon na Nova Geografia Cultural**. Artigo disponível em: www.geog.ufpr.br/neer/anais_1_coloquio/mesas/wolf-d-saar.pdf
- SAHR, Wolf-Dietrich. **Signos e Espaço Mundos – a Semiótica da Espacialização na Geografia Cultural**. (p. 57- 79). In: KOSEL, Salette. SILVA, Josué da Costa. GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções**

teóricas da Geografia Cultural Humanista.
São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER,
2007.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **O Guairá a o
Espaço Missioneiro: índios e jesuítas no
tempo das missões rio-platenses.**
Cascavel/PR: Coluna do Saber, 2006.

SILVA, Elvan. **A Forma e a Fórmula:
Cultura, ideologia e projeto na arquitetura
da Renascença.** Porto Alegre: SAGRA, 1991.

WOLFFLIN, Heinrich. **Conceitos
fundamentais da História da Arte.** São
Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura.** São
Paulo: Martins Fontes, 2002.

Data de submissão: 03.04.2011

Data de aceite: 18.11.2011